

A DIMENSÃO DO OUTRO, REFLEXÕES

MACHADO, Rubens Antônio de Melo¹

LOWENTHAL, Fabíola²

RESUMO

Este artigo apresenta em forma de reflexões o tema da dimensão do outro, entendendo-se o homem como um ser social, e cujo meio aparece como formador de seu interior e ao mesmo tempo influencia seu mundo exterior e as pessoas com as quais convive. Fala-se também dessa necessidade de convívio, e um convívio solidário e menos utilitarista, para o desenvolvimento da humanidade. Trata-se ainda do conceito de alteridade, e a percepção do diferente, e de como tal concepção pode ser utilizada no contexto escolar.

Palavras-chave: Dimensão do outro; Alteridade; Ambiente escolar; Convivência social; Percepção do diferente.

ABSTRACT

This article presents reflections in the form of the other dimension, understanding man as a social being, and whose environment appears as inside former and at the same time influences the outer world and the people who live with. There is also talk of this need for socializing, and a supportive living and less utilitarian, for the development of humanity. It is also the concept of otherness, and the perception of different, and as such conception may be used in the school context.

Keywords: Dimension of the other; Otherness; School environment; Social life; Perception of different.

¹ Docente do Centro Universitário UNIFIA – Amparo – SP - rubensmelo2000@yahoo.com.br

² Docente do Centro Universitário UNIFIA – Amparo – SP – flowenthal@uol.com.br

Introdução

Muito já se falou em casos que, embora raríssimos, são extraordinários; casos de crianças perdidas em ambiente selvagem e que acabam protegidas e criadas por irracionais. Não faz muito tempo agitou a imprensa uma notícia de certo menino-macaco encontrado entre chimpanzés, meio ao estilo da estória de Tarzan. Só que na história daquele menino que não durou muito (logo morreu), não existiam as coisas líricas da estória do herói das selvas; o que foi encontrado era um garoto incapaz de falar, aparentemente impossibilitado de raciocínio humano, semiquadrúpede, enfim: um bicho de origem humana. Sua entrada tardia no meio humano deve ter sido muito dolorosa e ele não suportou uma tão profunda transformação, ainda que esta fosse na direção da sua verdadeira natureza.

Lembro isto para que fique claro que: o ser humano só consegue ser humano entre seus semelhantes. Dizendo de maneira mais filosófica: sem o outro, ninguém pode realizar de fato a sua humanidade. Uma pessoa, inteiramente isolada do mundo humano, só preserva – quando consegue esta sorte - as energias da sua vida irracional. Na verdade, até para saber quem nós somos precisamos do nosso semelhante.

Isto mesmo: atingimos nossa identidade no mundo através do espelho ambiental. Daí dizerem alguns filósofos com muita razão que “O homem é um ser pelo outro”, isto é, que não tem possibilidade de se realizar sozinho como ser humano. Diante de informações tão importantes, portanto, não poderíamos fugir de procurar pensar um pouco mais aprofundadamente sobre o que é o outro em nossa vida?

Ora, na compreensão do nosso semelhante temos que subir uma escada de três degraus, sem saltar nenhum. Caso saltemos algum, nossa visão do outro poderá ficar distorcida ou incompleta. Um primeiro degrau mostra-nos o outro com sendo uma ameaça, um obstáculo, um concorrente que às vezes põe em perigo nossa liberdade. Hoje em dia quem pode dizer que anda pelas ruas sem qualquer tensão? Nas casas mais vulneráveis, bem como nas praças e ruas, as pessoas andam temerosas de um assalto, de uma

agressão, de algo que possa estilhaçar a sua integridade física ou moral. Ainda que tenhamos estas coisas também, aquilo que mais nos atemoriza é o outro ser humano cuja história de vida conduziu ao crime e está emboscado, quem sabe, pelas esquinas e sombras. Aquela pessoa que não conheço e a quem preciso recorrer para obter um favor, muitas vezes me amedronta. Quem nunca sentiu suor nas mãos, certa boca seca e muita insegurança ao ter que abordar o semelhante para pedir-lhe uma ajuda? Sim: o outro principia quase sempre por ser um obstáculo que nos intimida, uma ameaça que nos constrange.

Por que isto? Por que os temores? Em razão de que, no tipo de sociedade na qual vivemos, ocorre uma inevitável coisificação do relacionamento humano. Vale dizer: numa vida social muito utilitarista (onde ficou banal pessoas “usarem” pessoas), não é fácil que o outro nos perceba de pronto com pessoa, como não é fácil para nós percebê-lo imediatamente assim. É uma pena, mas a nossa primeira tendência é ter medo do semelhante.

Todavia, um segundo degrau na compreensão do outro mostra-nos uma possibilidade de evolução, uma possibilidade de sairmos dessa coisificação buscando ver aquele de quem nos aproximamos como alguém que divide conosco neste mundo um caminho de alegrias e sofrimentos, alguém que tem direitos e deveres como nós: uma pessoa. Afinal, não é a amizade, das coisas mais preciosas da vida? E como chegaremos a ser amigos ou ter amigos se nos deixamos ficar aprisionados na visão do semelhante como ameaça, perigo ou obstáculo? Neste segundo e muito mais suave degrau, somos levados a pensar que recebemos a vida que recebemos com outras vidas. Neste momento, o outro deixa de ser obstáculo, ameaça ou perigo, para ser algo de enorme importância: o meu companheiro. Pouca gente pensa no profundo significado da palavra companheiro: ela significa “aquele que come do mesmo pão junto comigo” (do latim cum pane), aquele que divide comigo e de forma solidária as durezas e suavidades do caminho.

Num terceiro degrau da compreensão do semelhante, este surge como meu objeto de amor, como aquele ou aquela que merece ganhar toda a dedicação da minha vida.

O Outro

O filósofo francês Jean-Paul Sartre (2005) escreveu em 1945 uma famosa peça de teatro intitulada “Entre quatro paredes”. Nesta peça ele cria uma situação curiosa: três pessoas (duas mulheres e um homem) morreram e, condenadas, foram levadas para o inferno. O inferno era uma sala sem janelas e com uma porta que só podia ser aberta pelo lado de fora: no entanto, uma sala muito confortável, com três boas poltronas, lareira, livros, uma pequena mesa, tapetes e tudo o mais que há num ambiente de bom gosto. Os condenados no início da peça olham para o inferno com assombro, pois deviam estar esperando fogo, caldeirões, diabos, etc. Acontece que, à medida em que se instalam naquela sala sabendo que não poderão sair dela, começam a relacionar-se; tantos são os desencontros e desentendimentos desse relacionamento, que o clima humano vai ficando inteiramente insuportável. Mais que insuportável: desesperador. Então, no final da peça, os personagens exaustos e infelizes caem em suas poltronas, e um deles diz a frase que ficou célebre: “ É . O inferno são as pessoas !”, dita pelo personagem Garcin dessa forma:

Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros!
(SARTRE, 2005. p. 120)

O homem por si só não pode conhecer-se em sua totalidade. Somente através dos olhos de outras pessoas é que consegue ver-se como parte de algo, pertencente ao mundo. O conceito de alteridade pode ser utilizado aqui, para ilustrar essa relação entre o “eu”, interior e particular a cada um, e o “outro”, o além de mim, ou seja, o encontro com o outro. Partindo do pressuposto de que todo indivíduo social é interdependente dos demais sujeitos em seu contexto social, assim o mundo particular e individual só existe diante do contraste com o mundo do outro. Dessa forma a concepção do sentimento de alteridade poderia resumir-se como: "se colocar no lugar do outro".

A Alteridade

O pensador Emmanuel Lévinas (2008) trata da alteridade como sendo a valorização ética do humano. Lévinas considera dentro de seu pensamento filosófico a relação com o outro o âmago de toda conexão humana. Para Lévinas, conhecer o outro é conhecer o desconhecido e de alguma forma encontrarmos nele, como a um espelho, cuja visão se confunde com a realidade. É através desse contato com o diferente, que surge a percepção do nosso eu interior, é onde se constrói o conhecimento de mundo e o autoconhecimento. Assim, o filósofo cita a alteridade como um movimento para o outro, isso ocorrendo entre diversos seres humanos, teremos uma existência plural e ética.

Enquanto saber, o pensamento é o modo pelo qual uma exterioridade se encontra no interior de uma consciência que não cessa de se identificar, sem ter de recorrer para tal a nenhum signo distintivo e é Eu: O Próprio. O saber é uma relação do Próprio como o Outro, onde o Outro se reduz ao Próprio e se despoja da sua alienidade, onde o pensamento se refere ao outro, mas onde o outro já não é outro enquanto tal, onde ele é já o próprio, já meu. Ele é doravante desprovido de segredos ou aberto à pesquisa, isto é, mundo. É imanência. (LÉVINAS, 2008, p.14).

Na Educação

Vygotsky (1996), ao desenvolver suas teorias de aprendizagem e pensar sobre o desenvolvimento humano, trata do tema baseando-se na ideia de que é pela interação social que o sujeito constrói-se como indivíduo diante do confronto com o mundo externo. Para determinarmos o que somos, nos identificamos ou nos distinguimos dos outros.

Estas reflexões devem também existir no meio escolar. A Pedagogia, quando aplicada em sua prática, precisa buscar formas de entender o aluno como ser social, e torná-lo também consciente dessa sua essência.

O convívio dentro de uma comunidade escolar perpassa por diversas formas de relações: amizades, brigas, disputas; os alunos, por sua vez, experimentam durante sua vida escolar uma grande variedade de sentimentos ao contatar-se com seus semelhantes diariamente: medo, orgulho, vergonha,

amor, empatia. Para seu desenvolvimento pleno, é necessário que haja um exercício de como lidar com as diversas situações.

Os pais, assim como os educadores têm um papel primordial, que será o de despertar nas crianças primordialmente a empatia e o “se ver no outro”, a já citada alteridade. O sentimento de empatia e de identificação pelo próximo, como seu igual, apesar de todas as diferenças que a sociedade e a própria natureza constroem. E também compreender e valorizar tais diferenças, para a construção e reconstrução do seu ser.

A partir destes princípios, espera-se que a educação possa formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres para com seus semelhantes, formando uma sociedade justa e igualitária, onde todos possam desenvolver plenamente seus potenciais. É onde a educação em valores cresce, e o homem imprime sua trajetória com dignidade.

Considerações Finais

Ao retomarmos para Sartre e a obra acima citada, observa-se que filósofo mostrou o lado problemático da convivência com o outro. Mostrou só esse lado porque só nele acreditava, sendo um pessimista de rara e brilhante inteligência. Mas depois dele, nós, em nossas experiências diárias, continuamos tendo a certeza de que muitas vezes o inferno são as outras pessoas, sendo que, também muitíssimas vezes, nosso céu são as outras pessoas. Quando se ultrapassa a relação coisificante e se atinge o amor, aí é que descobrimos o profundo sentido da vida e a definitiva importância do outro.

BIBLIOGRAFIA

LÉVINAS, **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre Quatro Paredes**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.